

# MEMÓRIA INCONSOLÁVEL: A DOR DO LUTO E O TABU FRENTE AO SUICÍDIO DE UM FAMILIAR

ARINA MARQUES LEBREGO<sup>1</sup>

CAROLINE LIRA FERREIRA<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo objetivou analisar o luto presente no filme ‘Elena’, assim como discutir o tabu referente ao decesso, em particular decorrente do suicídio, e as conseqüentes repercussões na vida dos sobreviventes. Como método, utilizamos uma análise fílmica do conteúdo proposto, paralelamente a uma abordagem qualitativa a partir de literatura especializada, de cunho psicanalítico. A análise foi baseada no longa “Elena”, da diretora Petra Costa, do ano de 2012, o qual aborda biograficamente a trajetória da sua irmã e sua morte por suicídio, conseqüentemente o luto enfrentado pela sua família. Decorrente a análise, estruturamos tópicos para esclarecimento do trabalho e subtópicos de discussão associando o conteúdo fílmico às argumentações teóricas: o primeiro subtópico designado “Petra” apresenta brevemente a diretora, responsável por narrar a maior parte da história; no segundo subtópico “O luto em análise”, nos alicerçamos na discussão psicanalítica, partindo do exposto no filme e estudos teóricos sobre o tema do luto; no terceiro e último subtópico nomeado “O tabu do suicídio”, associamos de maneira sucinta a melancolia a uma possível conseqüência em relação ao comportamento suicida, discorremos também sobre o tabu frente ao decesso, com foco no suicídio. Nas considerações finais, falamos sobre as narrativas presentes no filme, como estes se mesclam com os conceitos psicanalíticos propostos, observamos a importância do cinema como ferramenta narrativa, abordamos a complexidade em encontrar estudos sobre o enlutamento por suicídio, reiterando o tabu social sobre o tema e por fim, apontamos a possibilidade da arte se apresentar como uma catarse poética.

**Palavras-chave:** Luto, Suicídio, Tabu, Elena.

## INCONSOLABLE MEMORY: THE PAIN OF THE MOURNING AND THE TABOO HEAD OF A RELATIVE SUICIDE

## ABSTRACT

This article aimed to analyze the mourning present in the film ‘Elena’, as well as to discuss a taboo related to the decease, in particular case due to suicide, also consequently repercussions on the lives of the survivors. As a method, we have used a film analysis of the proposed content, in parallel to a qualitative approach based on specialized psychoanalytical literature. This analysis was based on the feature “Elena”, by director Petra Costa (2012), which biographically addresses her sister's trajectory and her death by suicide, consequently the grief faced by her family. Following the analysis, we structured topics to clarify the work and discussion subtopics associating film content with theoretical arguments: the first subtopic called “Petra” briefly introduces the director, responsible for narrating most of the story; in the second subtopic “The mourning in analysis”, we have based ourselves on the psychoanalytic discussion, starting from the exposed in the film and theoretical studies on the theme of mourning; on the third and last subtopic

---

<sup>1</sup> Psicóloga e psicanalista, Universidade da Amazônia. [arinamlebrego@gmail.com](mailto:arinamlebrego@gmail.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3457-7513>

<sup>2</sup> Acadêmica de Psicologia, Universidade da Amazônia. [carolinelirafferreira@gmail.com](mailto:carolinelirafferreira@gmail.com).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4305-7042>

named “The taboo of suicide”, we succinctly associate melancholy with a possible consequence in relation to suicidal behavior, we also discuss the taboo in the face of decease, focusing on suicide. In the final remarks, we talk about the narratives present in the film, how they blend with the proposed psychoanalytic concepts, we have observed the importance of cinema as a narrative tool, we have approached the complexity in finding studies on the mourning by suicide, reiterating the social taboo on the subject and finally, we have point out the possibility of art presenting itself as a poetic catharsis.

**Keywords:** Mourning, Suicide, Taboo, Elena.

## 1.INTRODUÇÃO

Elena é um documentário com caráter biográfico, da diretora Petra Costa, lançado no ano de 2012, constituído como narrativa subjetiva e intransferível, transcendendo a linha da história singular ao abranger uma relação familiar traçada por três personagens principais: Elena, Petra e Li An, filhas e mãe, respectivamente. A história é (re)produzida por Petra, diretora, roteirista e irmã de Elena, expressando um olhar que vai além do evento singular e pessoal, representando de modo poético e repleto de subjetividade os sentimentos da tríade central no enredo, aproximando-as e sobrepondo suas identidades.

Silva e Mousinho (2016) trazem em sua análise as observações do documentarista João Moreira Salles, que defende que o filme é sustentado por partir da experiência da diretora e de sua família para então tratar de temas universais. Os autores ponderam sobre o modo de construção das imagens que revelam a intenção da diretora de representar subjetividades, imprimindo na tela não apenas informações e fatos, mas sensações, além de investir na apresentação de memórias, questão constituinte do filme.

Podemos observar em diversos momentos do documentário o paralelo das personagens com a obra shakespeariana *Hamlet*, mais especificamente com a personagem Ofélia que na peça de Shakespeare é levada a se afogar em um rio, analogia posta nas cenas de Petra e Lin An sendo levadas na água pela correnteza e quando a diretora pontua em uma das muitas falas diretas a Elena “me afogo em você, em Ofelias”. Assim, podemos perceber a escolha da diretora em representar as narrativas do trio principal, cada qual em sua tragédia “ofeliana”, simbolizando na construção da história três mortes com desfechos diferentes porém afuniladas pelo mesmo determinante, a frustração com a carreira de atriz: a morte presumida da mãe; uma morte anunciada de Elena; e uma morte como possibilidade de vida, de Petra. Ao desejo de se tornarem atrizes, este sempre acompanhado pela falta, sobrevém a morte, e assim como Ofélia, as personagens que conduzem o filme apontam para o fim não mais simplesmente como o falecimento, mas como possibilidade mais própria e insuperável da existência humana (SILVA, 2014).

No cerne da história, é possível observar dois temas centrais: tabu e luto. Em ‘Luto e Melancolia’ (1917), Sigmund Freud define o luto como uma reação à perda de alguém por quem se nutre uma forte afeição ou de algo abstrato que ocupa seu lugar, como um conceito, uma independência, etc. Maldonado e Cardoso (2009), perante os estudos psicanalíticos, discorrem que a experiência traumática estaria situada “além da capacidade de representação psíquica”, sendo o luto, portanto, o trabalho penoso de reconstituição da tela psíquica. Concernente ao tabu, o pai da psicanálise o estabelece como algo de proibição remota, imposta de fora (por uma figura superior) que é voltada contra os desejos mais resistentes do sujeito; a ânsia em transpor o tabu permanece no inconsciente, aqueles que obedecem a tal proibição têm uma postura ambivalente quanto ao seu alvo (1913). Ainda sobre o tabu, Freud aponta:

A força mágica a ele atribuída remonta à capacidade de induzir em tentação; ela age como um contágio, porque o exemplo é contagioso, e porque o desejo proibido desloca-se para outra coisa no inconsciente. Expiar a violação do tabu com uma renúncia mostra que na base da obediência ao tabu se acha uma renúncia. (FREUD, 1913, p. 42)

No que diz respeito ao tabu referente ao decesso, Freud, em ‘Totem e Tabu’ (1913), aponta que o tema considera não somente os sentimentos ambivalentes, como também todo o arranjo de afetos, os quais se fazem presentes nos ideais culturais e exigem certas leis. Acrescida à discussão, na sua obra ‘O Infamiliar’ (1919), o autor assinala que inconscientemente não temos espaço para a representação de nossa respectiva mortalidade, situando a nossa própria biologia como incapaz de compreender a totalidade da morte, impedida de determiná-la tal qual um curso inevitável ou apenas um habitual inconveniente pertencente a todos os seres vivos (FREUD, 1919, p. 87). Ainda no escrito citado, o psicanalista indica que a posição de dualidade original, a ambivalência em relação aos mortos foi ocupada pela piedade, a partir do momento em que o sentimento dúbio tornou-se enfraquecido pelas proeminentes esferas da vida anímica, sendo um dos principais fatores a permitir que a angústia se converta em *infamiliar* (FREUD, 1919, p. 91).

À vista dos expostos, a morte pode ser entendida como o maior dos infamiliars, fazendo emergir um sentimento de tamanho desconsolo para os sobreviventes, que pode vir a ser uma grande desorganização do psiquismo desses sujeitos. Em Elena, a aflição decorrente da morte por suicídio parece gerar um vazio jamais preenchido e sempre presente, um desarranjo sem precedentes na trama familiar e na vida dos sujeitos envolvidos, uma inquietude latente que nos é passada de maneira tão singela e ao mesmo tempo tão potente. A diretora se permite sublimar sua dor em arte, causando ao telespectador atravessamentos poéticos sincronizados com uma comoção profunda, nos fazendo afundar com ela nas águas de sua narrativa, nos tornando também Ofélias.

## **2. OBJETIVOS**

2.1. Objetivo geral: Analisar o luto presente no filme ‘Elena’ e conseqüentemente, suas repercussões na vida de quem enfrentou a perda de um familiar pelo suicídio.

2.2. Objetivos específicos:

- a) Fomentar o debate acerca da dor causada pelo decesso em decorrência do suicídio, conteúdo ainda tão compreendido como tabu social;
- b) Discutir acerca dos temas de luto e tabu a partir de uma perspectiva psicanalítica.

## **3. MÉTODO**

A metodologia do presente trabalho se constitui por meio da abordagem qualitativa através de um estudo de caso baseado em uma análise fílmica do documentário proposto, associando os temas escolhidos – luto e tabu - com autores capazes de reiterar o enfoque debatido. Assente os levantamentos bibliográficos, os quais encerram o período de 2008 a 2019, a partir de profissionais do audiovisual em posse de debates focados nas cenas e roteiro do documentário, buscamos a compreensão do processo de luto e a temática do tabu, suas significações para quem os experiencia, com fundamentação em estudiosos da psicanálise, especialmente sob a luz de estudos freudianos.

Destacamos também que o procedimento aqui abordado foi possível pelo material exposto no material fílmico, o qual, por desejo das autoras, permitiu o início do decurso de análise pelos temas e categorias escolhidas, em paralelo aos estudos da literatura científica da área. Posteriormente, pudemos avaliar os conteúdos discutidos, consistindo na construção e comparação com os escritos fundamentais para a realização do presente trabalho.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao ponto objetivo do presente trabalho, foram elegidos dois tópicos constituintes da discussão: o tabu social em torno do suicídio e a dor da perda ocasionada por este decesso; e o luto exposto no documentário em paralelo com o viés psicanalítico sobre o tema.

##### **4.1. PETRA**

O longa de 2012, da diretora Petra Costa, aproxima o telespectador do sofrimento experienciado pela sua família a partir do suicídio de sua irmã, Elena. No decorrer do filme, nos é exposto o trabalho do enlutamento das sobreviventes, simultaneamente à apresentação da vida de Elena, com imagens e áudios reais do arquivo familiar, até o momento da sua morte, com trechos da sua carta de despedida e a narrativa pelas perspectivas de sua mãe e da própria Petra.

Durante o filme, Petra direciona diversas vezes sua narrativa para Elena, como se conversasse diretamente com a irmã, o que nos é posto logo na primeira cena, quando a diretora conta que sonhou com Elena. Logo, Petra, ainda conversando com a irmã, conta que decidiu seguir o mesmo caminho que o seu, mesmo indo contra o desejo de sua mãe: “Nossa mãe sempre me disse que eu podia morar em qualquer lugar do mundo, menos em Nova York, que eu podia escolher qualquer profissão, menos ser atriz. (...) Queriam que eu te esquecesse”. A decisão de seguir os passos de Elena como uma forma de manter sua memória viva aparece do momento inicial até o fim do longa, na própria narrativa da diretora e também nas escolhas das imagens reais, as quais mostram momentos de afetos entre as irmãs, cenas contracenando juntas, dançando, brincando, sempre por uma mediação de Elena.

Acompanhamos o percurso de Elena na tentativa de conseguir uma carreira de atriz em Nova York, e depois de algum tempo a decisão da família em ir para a cidade, lhe acompanhar e oferecer suporte. Aqui, vemos que Petra precisa se adaptar à nova realidade, novos amigos, nova cidade, novo idioma, e se adaptar também à irmã melancólica, que dizia sentir um vazio constante no peito – a diretora pontua que isso a deixa triste. Em seguida, temos as cenas em que Elena comete o suicídio.

A história conta que Petra tinha sete anos quando a irmã realizou seu suicídio, configurando um trauma impetuoso, esculpindo seu desenvolvimento psíquico, confirmado por um relatório psicológico:

Petra tem 7 anos e 6 meses de idade, e foi trazida para avaliação psicológica pela mãe. A mãe disse que Petra começou falar que quer morrer, e está tendo pesadelos. Há também evidências de depressão, e sentimentos de culpa. Petra evitou falar sobre a irmã. Petra está usando defesas que sugerem tendências obsessivas compulsivas para lidar com situações difíceis. É provável que continue usando estas defesas por um tempo, que a permitem negar os motivos de sua verdadeira depressão (sic.)

Observamos Petra se preocupar constantemente com a mãe, como na cena em que diz “Volto pra dentro da casa, e percebo que minha mãe pode morrer, e penso que se pensei isso quer dizer que ela vai mesmo morrer a qualquer momento, que é um sinal e que devo fazer tudo pra evitar”, logo em sequência nos mostra Petra fazendo promessas de não comer mais sal, subir todos os degraus da escada e nunca mais se olhar no espelho, de forma a evitar a morte da mãe. A atriz narra a dor de continuar a vida sem a irmã, o sofrimento em ver sua mãe sentindo falta, culpa, até os momentos finais onde ela decide a reviver para encontrar em consolo, em poesia, em memória.

## 4.2. O LUTO EM ANÁLISE

Partindo do entendimento do luto, temos em Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) que desde a infância o indivíduo possui capacidade de se adaptar às novas realidades produzidas diante das perdas, as quais lhe servirão como modelo, compondo um repertório, reativado em experiências ulteriores. A ideia de luto não se limita apenas à morte, mas ao enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano. Sob a luz de Melanie Klein, os autores sustentam que o luto não se refere apenas a uma perda real de objeto, mas também a uma supressão alegórica (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013).

No texto ‘Luto e Melancolia’ (1917, p.129), Freud expõe as similaridades entre os dois estados que dão nome ao texto, principalmente no que diz respeito ao sentimento doloroso que caracteriza tanto o luto quanto a melancolia, assim como uma enorme perda de interesse pelo mundo externo e capacidade de escolher um novo objeto de amor. O texto aponta para o árduo trabalho do sujeito enlutado em redirecionar a libido antes conectada ao objeto amado que já não mais existe, uma situação que pode levar ao afastamento da realidade e apego a este objeto por intermédio de uma psicose de desejo alucinatória. O processo de retirada libidinal do objeto deve ser cumprido aos poucos, respeitando o tempo do luto e a energia de investimento, ao passo que a existência do objeto perdido é prolongada na psique, o luto é compreendido como um processo de elaboração para o desligamento dessa libido. Em Elena, a partir dos expostos de Petra e de sua mãe, podemos observar essa elaboração do luto em paralelo à teoria freudiana, a experiência nos é repassada de maneira tão crua que esse trabalho psíquico parece ser reconstruído na tela, a ordenação do luto é quase palpável.

No contexto do luto, observamos que em vários momentos do filme nos é exposta a mãe de Elena. Pontuamos aqui a cena em que diz “Se ela me convence que a vida não vale a pena, eu tenho que morrer junto com ela”, parecendo se encontrar na tensão entre o desejo de memória e a vontade de esquecer, não vendo mais sentido na vida, relata suas fantasias de morte após o suicídio da filha, e inclusive, fala que pensou em se matar e matar a filha mais nova para acabar com seu sofrimento. Após o relato da separação, a figura do pai permanece ausente por toda a trama, sendo retomada apenas no final do filme, quando a cineasta relata como ele ainda permanece em silêncio sobre o que aconteceu com a filha mais velha, silêncio que retoma a autocensura obsessiva de Freud. Destarte, podemos reiterar a linha de pensamento do luto com Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013) ao compreender que no estado de luto, o Eu é envolvido e absorto numa tarefa psíquica particularmente difícil, perdendo uma grande quantidade de energia, o que nos faz pensar no silêncio doloroso do pai.

Retornando a Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013), temos o entendimento freudiano de que as primeiras experiências traumáticas podem constituir o protótipo dos estados afetivos, que são incorporados na mente e quando ocorre situação semelhante são revividos como símbolos mnêmicos. Como colocado anteriormente, no filme assistimos Petra reviver estes símbolos ao se preocupar frequentemente com a mãe, nessas cenas se fazem presentes os sinais de tendências obsessivas compulsivas presentes no relatório psicológico, decorrentes do trauma psíquico causados pela perda da irmã e sua vivência no luto.

Novamente em ‘Luto e Melancolia’ (1917), Freud se debruça sobre o enlutamento e o entende como um trabalho psíquico que empobrece o ego, tornando o sujeito em luto inapetente para qualquer investimento libidinal de outra ordem, de forma a constituir um desligamento libidinal paulatino em relação ao objeto de prazer e satisfação narcísica perdida pelo Eu em decorrência do óbito. A narrativa principal do filme põe em evidência, ao menos, dois relatos diferentes sobre a mesma experiência: da mãe com culpa, angústia, impotência e dor diante do suicídio de Elena; a experiência de Petra que tenta construir uma história que dê sentido a todos os silêncios, não ditos e lacunas que por tanto tempo fizeram parte de sua história (BTESHE, 2014). Por fim, podemos estabelecer mais um paralelo psicanalítico sobre a escolha de Petra em (re)produzir suas histórias num documentário tão subjetivo e ao mesmo tempo universal, dando a possibilidade ao enlutado de desviar o seu olhar do objeto de amor perdido para o mundo externo, em vista que a pessoa perdida é simbolicamente relacionada aos seus objetos bons internalizados (CAVALCANTI; SAMCZUK; BONFIM, 2013). Destarte, os autores colocam em evidência a sublimação que pode ser relacionada ao trabalho de luto no documentário. É discutido que a sublimação para Freud é um destino das pulsões, que implica na criação de um novo objeto para a pulsão, a ser encontrado por meio de experiências que possam satisfazer a libido, como a arte, a criação de um objeto de substituição é uma maneira socialmente aceitável de investimento da energia libidinal. Assim, podemos ver no trabalho de Petra seu sofrimento desviado para sua arte, em que o seu objeto perdido (irmã) é substituído pelo objeto real (filme).

### 4.3. O TABU DO SUICÍDIO

Conforme exposto em Ferracioli, *et al.* (2019), a concepção freudiana defende que o Eu investe a tendência interna à destrutividade contra si mesmo, em um movimento próprio da melancolia. Como podemos ver em ‘Luto e Melancolia’ (1917):

A melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição. (FREUD, 1917, p.128)

Logo, os sentimentos hostis e a potência disruptiva se voltam com toda força contra o próprio Eu, com a possibilidade de culminar no comportamento suicida, portanto o suicídio pode ser visto como uma espécie de homicídio onde a vítima e o assassino confluem (FERRACIOLI, *et al.*, 2019). Como apresentado por Rocha e Lima (2019), dentre os variados motivos que levam ao suicídio, existe uma configuração onde não há necessariamente o desejo de morrer, mas sim o de acabar com o enorme sofrimento psíquico, ocorrendo nesse processo uma ambivalência entre o desejo de viver e o de encerrar a dor. As psicólogas salientam para a difícil elaboração do luto vivenciado pelas

peças que perderam alguém em decorrência do suicídio, chamados de ‘sobreviventes’, esses sujeitos precisam enfrentar a agressividade desse decesso, que por vezes se manifesta como um resquício de violência contra eles próprios, em forma de autoagressão ou até mesmo endereçando este ato a alguém. É retratado também que quando há uma dificuldade de elaboração das questões com a pessoa falecida, a possibilidade de reconciliação consigo mesmo ou com pessoas próximas se torna penosa devido à lacuna que fica a partir do suicídio (ROCHA; LIMA, 2019).

Como apresentado previamente, Freud em ‘Totem e Tabu’ (1913) advoga que o tabu referente à morte vai além dos sentimentos ambivalentes, abrangendo todos os arranjos afetivos, os quais se fazem presentes nos ideais culturais e exigem certas leis. Contudo, os sentimentos de ambivalência como amor e ódio são responsáveis pelo surgimento de um processo psíquico ao qual Freud nomeou “projeção”. Esse processo serve como uma espécie de mecanismo defensivo em relação à ambivalência sentimental, especialmente à hostilidade; a projeção portanto atua como uma reconciliação dos conflitos em relação ao morto. Temos que:

Os sentimentos díspares em relação ao morto — ternos e hostis (...) — procuram ambos vigorar, por ocasião da perda, como luto e como satisfação. Inevitavelmente haverá um conflito entre os dois opostos, e, como um deles, a hostilidade, é inconsciente — de forma total ou na maior parte —, o resultado do conflito não pode ser a subtração de uma intensidade da outra e a consciente fixação do saldo. O processo se resolve, isto sim, mediante um mecanismo psíquico especial, que a psicanálise costuma chamar de projeção. (FREUD, 1913, p. 69)

Devido à sua proximidade com a finitude humana, um tema tabu na sociedade ocidental, o suicídio atrai estigmas e preconceitos que dificultam uma abordagem técnica isenta de juízos morais (FERRACIOLI, *et al.*, 2019). O tabu em torno do ato de suicídio perturba o funcionamento da vida dos enlutados, pois como nos mostram Rocha e Lima (2019), as pessoas que sofrem com a perda de alguém por suicídio têm suas vidas marcadas por um evento externo muito doloroso. Dessa forma, a partir do momento em que uma privação desse tipo se constitui na vida de alguém, este sujeito tem sua existência irremediavelmente marcada e precisa dar significado a esta perda, assim como presente nos postulados kleinianos os quais advogam que no luto há a perda real do objeto e, após um tempo, a transferência da libido para outros objetos. A ausência de um ser amado confere também a perda do lugar que o sobrevivente ocupava junto ao morto, o decesso, especialmente por suicídio, costuma atormentar os sobreviventes com dúvidas lancinantes. Freud as nomeou de ‘recriminações obsessivas’, que levam o enlutado a se questionar se ele próprio não poderia ter sido responsável pela morte desse ente querido através de algum ato de descuido ou negligência (FREUD, 1913).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte a compreensão psicanalítica do luto e do tabu social ao redor do suicídio, inferimos que a narrativa do filme *Elena* aborda o tema de maneira pessoal, ao falar do enlutamento da família, assim como o aborda de modo universal ao historiá-lo a partir de uma cenografia e roteiro sensíveis, pondo ao telespectador a dor da perda e suas consequências, assim como pudemos utilizar da contribuição psicanalítica para elencar o relato com a teoria, aplicando, principalmente, os escritos de Freud. Permitiu-se observar a importância do cinema como ferramenta narrativa e sua capacidade de atravessar histórias pessoais tornando-as universais ao sensibilizar seu público, igualmente

percebemos conceitos freudianos surgindo na prática, como a sublimação se soma no meio artístico de maneira ímpar e relevante. Contudo, o presente estudo revelou a carência de debates frente ao tema do suicídio, o tabu que cerca o tópico não se fez presente somente na discussão deste trabalho como também foi experienciada a partir da dificuldade em encontrar discussões que abordem o enlutamento por suicídio. Assim, o referido trabalho pode se manifestar como um auxílio em pesquisas futuras sobre o tema tentando somar na ruptura deste tabu.

Por fim, evidenciamos a escolha da frase “memória inconsolável” no título, que em decorrência do forte atravessamento emocional proporcionado pelo filme, advém da cena final onde Petra, novamente, se direciona a Elena e diz “você é minha memória inconsolável, feita de pedra e de sombra. E é dela que tudo nasce e dança”. Como sublinha Bteshe (2014), narrar por vezes é curar feridas da história que ainda não tiveram a oportunidade de serem faladas ou significadas, assim a arte aparece como uma catarse poética.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Criatividade e sublimação em psicanálise**. Psicol. clin. vol.20 no.1 Rio de Janeiro, 2008.

BTESHE M. **Elena, o filme: narrativas sobre a experiência do suicídio**. Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde [Internet]. out-dez 2014; 8(4):575-581.

CAVALCANTI, A. K. S.; SAMCZUK, M. L.; BONFIM, T. E. **O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein**. Psicólogo *in* Formação, ano 17, n. 17, jan./dez. 2013.

COSTA, P.; ZISKIND, C. **Roteiro – Elena. Busca Vida Filmes, 2012**. Disponível em: <<http://www.elenafilme.com/roteiro/>>. Acesso em: 04 abr 2020.

ELENA. Direção: Petra Costa. Produção: Busca Vida Filmes. Nova York, 2012. 1 DVD (82 minutos).

FERRACIOLI, N. G. M. *et al.* **Os bastidores psíquicos do suicídio: uma compreensão psicanalítica**. Vínculo vol.16 no.1 São Paulo jan./jun. 2019.

FREUD, S. **Freud (1912-1914) Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Trad: Paulo César de Souza. Companhia das Letras; Edição: 1 - 20 de setembro de 2012.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In **Sigmund Freud Obras Completas - Introdução Ao Narcisismo, Ensaio De Metapsicologia E Outros Textos (1914-1916)**. Trad: Paulo César De Souza. Companhia das Letras. 2010.

FREUD, S. **O Infamiliar [das Unheimliche]**. Trad: Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares e Romero Freitas. Belo Horizonte, autêntica. 2019. (Originalmente publicado em 1919).

MALDONADO, G.; CARDOSO, M. R. **O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias.** Psicol. clin. vol.21 no.1 Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA, P. G.; LIMA, D. M. A. **Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo.** Psicol. clin. vol.31 no.2 Rio de Janeiro maio/ago. 2019.

SILVA, E. Q. **Filme: ELENA, de Petra Costa, 2012, Brasil, 82 minutos.** ILHA v. 16, n. 1, p. 260-265, jan./jul. 2014.

SILVA, S. R. R. DA.; MOUSINHO, L. A. **Um olhar sobre Elena: a encenação que se desdobra.** Doc On-line, n. 19, março de 2016.